



CAOS SUBMERSO

Na semana passada, em um dia comum, acordei, arrumei-me e desci para tomar café e ir à escola. No caminho para a porta de casa, lembrei que havia esquecido meu guarda-chuva, pois estava chovendo muito. Subindo as escadas, senti um frio na barriga, uma sensação de que algo ruim aconteceria, mas, mesmo assim, tinha a obrigação de ir estudar.

Chegando à esquina, comecei a perceber um volume estranho de água correndo nos cantos do asfalto e, dentro da escola, acontecia a mesma coisa. Vários alunos e professores estavam reunidos, passando rodo no chão para diminuir o volume de água. Apesar disso, naquele momento, não parecia tão sério, pois havia goteiras frequentes lá. Porém, a situação começou a ficar preocupante. Conforme o volume aumentava, criava-se uma correnteza que já chegava à cintura, a luz havia caído, e a angústia de não saber como estavam os meus pais aumentava.

Em meio ao caos, com a água chegando aos ombros, quando não havia mais o que fazer, peguei minha mochila e coloquei-a dentro do guardachuva, que estava com o cabo virado para cima. Fui nadando, na tentativa de chegar em casa para pelo menos conseguir saber como minha família estava. Passei pela esquina da avenida, onde ficava o mercado da tia Nena, que estava quase submerso, e pela casa do Paulinho, na rua de trás, que estava quase sendo levada. Ele e os familiares estavam no telhado da casa, com árvores boiando em meio à correnteza.

Eu lutava para não deixar a tristeza me consumir, mas foi impossível e fui perdendo as forças. Não conseguia mais nadar nem boiar; as lágrimas borravam a minha visão, até que vi, ao meu lado, uma mão estendida me puxando para dentro de um bote. Eram os bombeiros, junto com a minha família. Foi um alívio instantâneo, apesar de ter visto a minha casa sendo arrastada.

“Aprenda com o ontem. Viva o hoje. Tenha esperança para o amanhã.”

— Albert Einstein.

Helena B. Castagnaro

7º ano / Itapema

2024